

Um poeta novo em *Portugal, 0*

Ida Alves
(Universidade Federal Fluminense)

mãe, valter hugo. *Poemas*. Coleção *Portugal, 0*, vol. 5. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2009. 132 p.



Há diversos tipos de obsessões. Este livro é uma delas, ou melhor, esta coleção *Portugal, 0*. Só uma vontade obsessiva pode persistir no projeto de publicar livros de poesia num formato quase artesanal e, mais, livros de poesia portuguesa recente para serem lidos no Brasil. Mesmo com distribuição restrita e com um mercado muito limitado para a recepção de poesia, o curador Luis Maffei, com o apoio da Oficina Raquel, não desiste e, após os volumes dedicados a Manuel de Freitas, Rui Pires Cabral, Luis Quintais, Pedro Eiras, apresenta-nos mais um poeta novo desta nossa língua portuguesa: valter hugo mãe (assim mesmo, em letras minúsculas).

O volume ora editado mantém o projeto enunciado na “Carta de Fundação” da referida coleção iniciada em 2007: “Aqui, assim, o cabimento de se olhar a poesia nova portuguesa, a necessidade, a premência. Porque esta poesia não é apenas nova, ela terá, por ser quem é, vários séculos de vida, e terá seu passado em situação de grande novidade. *Portugal, 0*, Portugal desde sempre em estado de fundação”. Com essa necessidade e premência, os poetas são colocados em *estado de leitura* para um olhar brasileiro que seja curioso de saber o que vem ocorrendo para além do Atlântico e muito para além de Fernando Pessoa. De início, esse leitor contará com o auxílio de um estudo introdutório à poética da vez. No volume 5, temos a contribuição forte de Monica Simas (USP) que percorre as veredas de valter hugo mãe com inteligência e sensibilidade de análise, mostrando como o poeta transita por uma tradição surrealista para encontrar seu lugar de diferença:

A vocalização dessa poética, de busca de uma descompressão de constrições internas da linguagem, da fulgurante luz dos seres, sem censuras, pode constituir-se com justeza como ‘ a natureza revolucionária da

felicidade’, escapando à síntese dos fechamentos na harmonização dos opostos. Descubro nas suas dissonâncias, nessa voz que se lança à morte para que a palavra continue plural, uma poesia que faz a literatura ser bem viva. (SIMAS *in* MÃE, 2009, p. 38)

Após o estudo intitulado *Boca de fronteira, incandescências na garganta de valter hugo mãe*, segue-se a recolha dos poemas selecionados pelo curador para mostrar a face de mais um poeta pouco conhecido entre nós. Nesta amostragem, os poemas vieram dos livros *Egon Schiele, auto-retrato de dupla encarnação* (1999), *Três minutos antes de a maré encher* (2000), *A cobrição das filhas* (2002), *Útero* (2003), *O resto da minha alegria* (2003), *Livro de maldições* (2006), *Pornografia erudita* (2007), *Bruno* (2008), *A natureza revolucionária da felicidade* (2008). Ficaram de fora os livros *Entorno a casa sobre a cabeça* (1999), *O sol pôs-se calmo sem me acordar* (1997) e *Silencioso corpo de fuga* (1996). Há que se observar também que o poeta pratica a prosa com bons resultados de crítica: *O apocalipse dos trabalhadores* (2009), *O remorso de Baltazar Serapião* (2006) e *O nosso reino* (2004). A esse segundo romance, como explica em nota Monica Simas, foi atribuído o prêmio literário José Saramago de 2007 e o escritor renomado não deixou de se manifestar a respeito, considerando que o livro era um “tsumani, não no sentido destrutivo, mas no de força. Foi a primeira imagem que me veio à cabeça quando o li. [...]” (p. 38).

Força, aliás, talvez seja um bom substantivo para nomear a vontade de escrita poética de valter hugo mãe, nascido em 1971, em Angola, de pais portugueses, licenciado em Direito, mas intensamente dedicado hoje à produção literária, o que não o impede de fazer outras experiências artísticas como ser vocalista (e letrista) do grupo musical *Governo* (www.myspace.com/governo) ou dedicar-se às artes plásticas. Dividiu ainda com Jorge Reis-Sá, até 2004, a direção da *Quasi Edições* (sede em Vila Nova de Famalicão, perto do Porto), que foi responsável por um catálogo interessante de obras poéticas de novos autores, além de importante trabalho de divulgação da poesia brasileira em Portugal, publicando Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, Manoel de Barros, Carlos Nejar, Waly Salomão, Ferreira Gullar, Eucanaã Ferraz, e mais alguns nomes, na coleção *Literatura Brasileira*.

Como bem ressalta, em seu estudo, Monica Simas, a poesia de valter hugo mãe é de “extrema criatividade”, transita entre formas (verso/prosa) e suportes diversos (poema/música/obra plástica), configurando-se “como uma obra de fronteiras também em relação a determinadas tensões constitutivas: deus/diabo, alma/carne, morte/vida, júbilo/crueldade, rotina/insólito, corpo/invisíveis, sexo/afetos, realidade/ilegibilidade, erudição/abjeto, arcaico/contemporâneo, provincianismo/cosmopolitismo.” (p. 12). Evitando meras oposições, Simas aprofunda nossa compreensão da escrita de dissonâncias que o poeta opera, o que lhe possibilita a construção de poemas impactantes em diálogo com os melhores momentos surrealistas ou experimentais da poesia portuguesa sob o domínio de Mario Cesariny, Herberto Helder e Ana Hatherly, “para citar só três nomes que se apresentam no universo literário de valter hugo mãe.” (p. 33).

Em direção diversa dos novos poetas seus contemporâneos (com início de publicação na década de 90), como os já citados e presentes na coleção *Portugal, 0*, Manuel de Freitas, Rui Pires Cabral e Luís Quintais, que trabalham acentuadamente com paisagens urbanas e questões mais cotidianas, ainda que mirando os temas universais da solidão e da morte, valter hugo mãe parece perseguir um outro tipo de liberdade imagética ou uma perspectiva de visão que

ultrapassa o aqui e o agora, constituindo uma voz lírica íntima produtora do erótico a partir do atrito das imagens, do “desgoverno dos sonhos”, título aliás de um dos seus poemas em *Três minutos antes de a maré encher* (2000), transcrito nas páginas 50-52 desta antologia e dedicado a esse outro poeta português admiravelmente desconcertante, Luis Miguel Nava:

já não te aguardo,
adio-me

sobre o veludo da tua
morte o atrito do
corpo é a dolente barca onde
o dia quase não passa, pelo mar dentro
o céu a estalar

se à morte tudo sobeja,
sobejo de sentir o outono

o livro oblitera as
palavras e silencia-me.
Deitar-me-ei, o sol a pesar o
meu corpo e tu, todo o
tamanho do mundo, calado, morto,
vasta extensão
que aprenderei a percorrer
[...]

Mas há um outro poema que desejamos destacar como uma espécie de epígrafe atrasada desta resenha, “A virgindade da Amélia – *primeiro ano, curso de direito, univ. Moderna, porto, noventa*” (p. 93). Assim como uma antologia é inevitavelmente um ato interessado de escolha, um risco de parcialidade e incompletude, um poema destacado de uma obra maior aponta inevitavelmente a ausência dos outros, a falta do mapa, a impossibilidade de unidade; por outro lado, essa escolha pode indicar provocativamente a percepção de trilhas possíveis. É como uma pedrinha jogada ao chão para marcar um caminho que só se confirmará ao final da caminhada. Quem quiser encontrá-lo deverá ir atrás dessas várias pedras jogadas na progressão dos passos. Esta pedra-poema é então uma pista do que se pode encontrar na poesia de valter hugo mãe, se prestarmos atenção à sua linguagem despojada (e a ausência de maiúsculas é apenas um sinal gráfico disso), às histórias desconcertantes que se desenrolam no interior dos poemas, à aproximação sedutora de corpos (também o da escrita), rompendo ordens e bons sentimentos. Em síntese, rompimentos de lugares-comuns, força imagética, narratividade e sensibilidade renovada para os temas eternos (amor, solidão, morte) são algumas das habilidades que essa poesia domina.

aceita este livro, diria, mais bonito
do que os outros, encontrarás nele
imagens, sim, imagens que talvez te
surpreendam, mas não te assustes,
tantas vezes to peço, não te assustes.
Repara na natureza das coisas, em como

é tão comum depararmo-nos com estas ideias
e talvez entendidas

há uma pornografia erudita feita
para gente como nós, uma coisa assim entre
o querer fazer, a aflição espiritual
e o amor eterno

depois vem cá ter. Juro-te que às
cinco em ponto da tarde não há ninguém
na casa dos meus pais

Seja bem-vindo então esse volume 5 da coleção *Portugal, 0*, dando-nos a conhecer um pouco desse outro poeta português que, após doze livros de poesia e uma reunião completa de sua produção em *folclore íntimo*, poesia 1996/2008, edição revista e aumentada dos volumes anteriormente editados, publicado por Edições Cosmorana (Maia, Portugal), 2008, já demonstrou a que veio no panorama da atual poesia portuguesa.

(Recebido para publicação em 20/11/2009,
Aprovado em 05/02/2010)